



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS E CURRÍCULO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**LORENA MIRELLA ALMEIDA BARBOSA MAIA**

**O TRABALHO COM JOVENS EM TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO**

**NATAL/RN  
2016**

LORENA MIRELLA ALMEIDA BARBOSA MAIA

**O TRABALHO COM JOVENS EM TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade Relatório de Práticas Educativas apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa Narcizo Sampaio

**NATAL/RN  
2016**

LORENA MIRELLA ALMEIDA BARBOSA MAIA

**O TRABALHO COM JOVENS EM TURMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E  
ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO**

BANCA EXAMINADORA

---

—  
Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marisa Narcizo Sampaio (Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

—  
Prof. Dr. Alexandre da Silva Aguiar (Examinador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

—  
Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Junior (Examinador)  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Aprovado em: 14 de dezembro de 2016

## DEDICATÓRIA

*Dedico o presente trabalho a Deus, autor e consumidor da minha fé. Sem Ele eu não teria conseguido concluir com êxito essa etapa da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me auxiliado, me orientado e me ajudado todos os dias da minha vida. Estou certa e convicta que sirvo a um Deus que realiza sonhos. Também sou grata aos meus pais Domingos e Vera, ambos foram fundamentais para a concretização e realização desse sonho. Estou feliz, pois sei o quanto vocês dois sonharam com esse momento.

Sou imensamente grata ao meu amado esposo Aecio Maia, que me ajudou na realização desse sonho com sua paciência, amor, auxílio e compreensão. Essa conquista é nossa e quero colher ao teu lado os frutos desse sonho tão sonhado, obrigada pelo apoio e palavras de incentivo quando o desânimo tentou me abater, sempre me acalmando e me fazendo acreditar que daria certo.

Agradeço a minha orientadora Profa. Marisa Sampaio por ter aceitado me orientar e me ajudou com bastante empenho, carinho e atenção sempre me mostrando os caminhos a serem percorridos para construção do presente trabalho, você foi e é uma referência no meu processo de formação, obrigada por tudo. Agradeço também aos meus irmãos Patrícia, Ricardo e Priscila que acreditaram e torceram por mim. Também sou grata a minha grande amiga Rafaella Patricia que sempre acreditou em meu potencial antes mesmo de entrar na Universidade, você me incentivou e me fez acreditar que era possível passar no vestibular da Comperve e sempre esteve ao meu lado, me dando forças, me apoiando e torcendo pelo meu sucesso.

Sou imensamente feliz com os amigos que conquistei durante o meu processo de formação, em especial a minha grande amiga Jéssica Damasceno, estou certa e convicta que nossa amizade é um presente dos céus e que independente das estações do ano, ela será para sempre.

Também sou grata as minhas amigas Alzira Lima e Rosimeire pela amizade, parceria e confiança, vocês são especiais em minha vida. Por fim, agradeço aos professores pela ajuda, exemplo e incentivo, todos foram fundamentais no meu processo de formação.

*“Onde quer que haja homens e mulheres,  
há sempre o que fazer,  
há sempre o que ensinar,  
há sempre o que aprender.”*

*Paulo Freire.*

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: DA TEORIA À PRÁTICA .....	18
CONCEITO DE JUVENTUDES E PRÁTICA DOCENTE .....	22
2- PLANEJAMENTO E AÇÕES PARA ENVOLVER OS ALUNOS:.....	31
2.1- RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS: <b>Erro! Indicador não definido.</b>	
2.2 - ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM OS CONTEÚDOS E ATIVIDADES .....	34
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	46
REFERÊNCIAS:.....	48

## INTRODUÇÃO

Durante o meu processo de formação na UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tive a oportunidade de me aproximar diariamente da realidade educacional do meu País. Com o auxílio dos docentes, dos colegas do curso e dos textos estudados, aos poucos percebi quais áreas de ensino despertavam a minha atenção e meu interesse. Desde o segundo período do curso passei a ser estagiária numa escola de ensino particular na cidade de Natal-RN. Na ocasião estagiei na Educação Infantil, sendo assim, ao cursar a disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, obrigatória para o currículo do curso de Pedagogia, resolvi que queria conhecer outras realidades de ensino, e que faria meu estágio em uma turma da EJA- Educação de Jovens e Adultos.

Neste trabalho irei expor minhas experiências durante o período de regência, e é importante ressaltar que o estágio obrigatório foi feito em dupla e que as ações que serão relatadas no decorrer deste trabalho foram pensadas e planejadas com uma colega de curso, durante o período de estágio obrigatório. No entanto, o enfoque escolhido para ser aprofundado aqui, a discussão e a reflexão teórica a respeito desta prática foram realizadas por mim para este TCC.

Nós exercemos nossas atividades na Escola Municipal Profº Ulisses de Góis, localizada no Bairro de Nova Descoberta na Cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. Antes de iniciarmos nosso período de prática, fizemos três visitas à escola. Nestes primeiros contatos tínhamos o intuito apenas de observar o ambiente, os alunos e a maneira como a professora titular tratava os educandos, afinal julgamos de suma importância esse contato a fim de conhecermos nosso alunado e como iríamos planejar as nossas aulas, pensando nos sujeitos e suas diversas especificidades.

Durante o estágio também pude observar questões inerentes à infraestrutura, proposta pedagógica e corpo docente. A escola disponibiliza a população do bairro e adjacências aulas nos turnos matutino, vespertino e noturno. Pela manhã funcionam turmas da Educação Infantil e dos Anos



Iniciais do Ensino Fundamental, e durante a tarde as turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental e à noite as turmas dos níveis I a IV da EJA.

A grande maioria dos alunos é de moradores dos bairros de Morro Branco e Nova Descoberta da cidade de Natal/RN.

No turno da noite, o público de educandos que a escola recebe é de jovens e com idade média entre 15 e 20 anos, no entanto é possível perceber também a presença de adultos e alguns poucos idosos. De acordo com o que observei durante o tempo em que estive estagiando, a grande maioria dos estudantes matriculados no noturno são de moradores do bairro de Nova Descoberta. É importante ressaltar que a escola tem uma localização excelente, pois é próxima da principal avenida do bairro e de algumas paradas de ônibus, nos arredores da instituição existem alguns pontos comerciais que tornam o lugar bastante movimentado.

A rotina dos alunos que estudam à noite se inicia às 19h nesse momento o refeitório encontra-se aberto e os alunos que vão chegando e se dirigem a este espaço para lanche, por isso, não existe intervalo entre uma aula e outra, visto que o lanche é servido antes do início das aulas. É importante ressaltar também que durante o tempo em que estivemos na escola percebemos que existe uma variedade no cardápio do lanche servido aos alunos e professores. Ao chegarem à escola os educandos lancham e depois se encaminham para a sala de aula. Normalmente a professora que acompanhei começava a aula por volta das 19h30min e finalizava a aula por volta das 21h20min, dependendo do planejamento previsto. Na turma que estagiei tinha 19 alunos matriculados, porém desse total apenas 12 eram assíduos à rotina de aulas.

Observei que a escola apresenta uma infraestrutura antiga, mas que é preservada pelos alunos e gestores. Sua estrutura física a escola tem: 12 salas de aula, 01 biblioteca que funciona nos três horários de aula, 01 sala para professores, 01 sala de recursos multifuncionais, 01 sala com laboratório de informática que funciona nos turnos da manhã e da tarde. 01 sala para direção, 01 secretaria, 01 quadra de esporte, 01 refeitório, 01 sala de vídeo, 01 almoxarifado, 10 banheiros para alunos, 02 banheiros para os funcionários, 01 depósito para merenda e 01 cozinha e rampas de acessibilidade.

Os espaços mais utilizados pelos educandos do horário noturno são o pátio e a quadra de esportes, durante as aulas alguns alunos saem das salas de aula e se encaminham até esses locais para conversar.

A sala de vídeo também é pouco utilizada, de acordo com os professores é difícil passar qualquer conteúdo através de vídeos, músicas e similares, pois, os alunos da EJA não gostam desse tipo de aula. Os professores relataram que segundo os educandos sair de casa para assistir vídeos e ouvir músicas é perda de tempo. No entanto, diante desses relatos dos educadores pude fazer relação com textos lidos, debates em sala e teoria vista na disciplina de Educação de Jovens e Adultos. Aprendemos que muitas escolas e alguns professores estigmatizam os jovens da EJA e costumam rotular esses sujeitos, ao invés de buscar entender o contexto e realidade dos alunos e alunas. É importante que, ao planejarem as aulas, os educadores pensassem em utilizar recursos didáticos como vídeos, filmes e músicas que possibilitem aos educandos uma aproximação dos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula, para que ao propor tais atividades os alunos consigam identificar e encontrar sentido na proposta de ensino, conforme afirmou Olga Freitas (2007):

Também conhecidos como "recursos" ou "tecnologias educacionais", os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. (FREITAS, 2007, p.21)

Dessa forma durante a noite este espaço é pouco utilizado, assim como a sala de informática que só funciona nos períodos da manhã e da tarde.

É necessário que haja por parte dos gestores e professores a compreensão que não existe faixa etária adequada para se aprender, tendo em vista que todos os educandos são hábeis e capazes de aprender e julgo que é essa uma das funções da EJA, preparar esses indivíduos para a vida em sociedade, fazendo com que eles compreendam o processo de aprendizagem do qual fazem parte e para que isso seja garantido é necessário que eles tenham acesso a todos os espaços oferecidos pela escola, caso contrário, essa diferença na divisão dos recursos disponibilizados, causa um sentimento de desigualdade, conforme citou Philippe Perrenoud (2001):

O tratamento de certas diferenças não favorece os favorecidos nem os desfavorecidos: há uma concentração desigual de qualificações e equipamentos, que não está vinculada ao público da escola (o que não significa por acaso: nas organizações, as expectativas e as necessidades dos usuários não passam de um dos múltiplos fatores na divisão dos recursos). (PERRENOUD, 2001, p.23)

Durante o período que estive na escola pude vivenciar situações das mais diversas, e notei que a equipe gestora da instituição é muito empenhada no trabalho que desenvolve com os alunos, sempre se mostrando solícita em ouvir os educandos.

A equipe gestora é composta por: uma diretora e um vice-diretor. A escola possui em seu corpo pedagógico também: 05 coordenadores pedagógicos; 48 professores, 06 bibliotecários, 03 professores de informática, 03 operadores de vídeo escola e 01 secretário.

Durante o período que estivemos na escola, fomos bem acolhidas pelo corpo docente, gestores e demais funcionários. Percebemos que a sala dos professores era um espaço usado para o diálogo e trocas de saberes entre os educadores da instituição antes do início das aulas, e que os alunos tinham total liberdade de entrar na sala para dirigir a palavra aos professores sobre os mais diversos assuntos.

Segundo a diretora da instituição, existe na escola um conselho escolar formado por gestores, pais, professores, alunos, funcionários e coordenadores, no entanto o conselho não é atuante e dificilmente existem reuniões para que sejam tomadas as decisões inerentes à melhoria do currículo, ou sobre como devem ser aplicados os recursos recebidos para manutenção e funcionamento da escola. Sabemos, no entanto, que a gestão democrática precisa ser coletiva e participativa e que todos os membros devem estar cientes da importância dessa “ferramenta” para o funcionamento da escola, nos processos de escolhas e tomadas de decisões.

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores (VEIGA, 1991, p.18).

Diante disso penso que a democratização tem início no interior da escola, no entanto é necessário que pais, professores, alunos e funcionários discutam de maneira conjunta o que é melhor para a escola e saibam a real função do conselho escolar, reconhecendo que ser membro do conselho não é só participar das votações em prol das melhorias da escola. Esta participação vai além: significa entender como funcionam os processos de ensino e perceber a importância de todos os membros nas reuniões de tomada de decisões, e a partir dos relatos da coordenadora pude perceber que o conselho não é atuante, simplesmente porque muitos dos seus integrantes desconhecem quão fundamental é o conselho escolar. Conforme afirmou Godoy (2010):

Não está claro para a comunidade o conceito de participação efetiva, pois há um falso entendimento de que a participação consistiria na frequência nos encontros e na votação de propostas. Ocorre que votar não significa escolher aleatoriamente as propostas aparentemente mais viáveis. Votar pressupõe um processo de análise e reflexão das situações-problema e das propostas levantadas, e participação significa envolvimento e comprometimento com o que está sendo discutido, no sentido de apresentar questionamentos e opiniões (BOGATSCHOV; GODOY, 2010, p.9).

Durante o tempo que estivemos na escola não tivemos acesso ao PPP (Projeto Político Pedagógico), porém ao conversarmos com a professora titular e com a coordenadora, elas disseram que todos os anos antes de iniciarem as aulas os professores se reúnem durante a semana pedagógica, para reformular o documento de acordo com o planejamento, projetos e demais atividades planejadas para o ano vigente. Por esse motivo é importante que a equipe pedagógica participe da construção e da reformulação do PPP - Projeto Político Pedagógico, reafirmando de maneira conjunta os acordos estabelecidos, assegurando assim a transparência das decisões, conforme afirmou Marques (1990)

A participação ampla assegura a transparência das decisões, fortalece as pressões para que sejam elas legítimas, garante o controle sobre os acordos estabelecidos e, sobretudo, contribui

para que sejam contempladas questões que de outra forma não entrariam em cogitação. (1990, p.21)

Elas pontuaram também que reconhecem a importância do documento, tendo em vista que ele foi elaborado de acordo com as necessidades apresentadas inicialmente pelo conselho escolar, mas que ao passar dos anos sofreu alterações de acordo com o público de alunos, ações a serem desenvolvidas, planejamentos e projetos que anualmente se modificam.

Quando se trata do acesso ao documento oficial, é interessante que muitos gestores já possuem em seu discurso respostas prontas sobre o Projeto Político Pedagógico, e as justificativas são das mais diversas: “O projeto está em construção!”, “A direção não autoriza o acesso.” Ou “Quando estiver pronto, iremos disponibilizar!”. É importante pontuarmos que o interesse maior em acessar o documento, está em poder observar as propostas citadas no currículo e como elas são postas em prática pela equipe pedagógica, , conforme afirmou Veiga (1991).

A importância desses princípios está em garantir sua operacionalização nas estruturas escolares, pois uma coisa é estar no papel, na legislação, na proposta, no currículo, e outra é estar ocorrendo na dinâmica interna da escola, no real, no concreto. (1991, p. 82)

Para minha surpresa, ao chegar à escola me deparei com uma turma com a predominância de jovens com a idade média de 15 e 20 anos, mas também havia adultos e alguns idosos. Era notável que se tratava de uma turma heterogênea, em que os alunos tinham características e perfis totalmente diferentes uns dos outros. Ao chegar à escola professora titular pediu que ficássemos o mais distantes possível desses jovens mencionados acima, e era notável a “rejeição” por parte dos outros alunos, os adultos e idosos da turma, pois segundo ela, eles eram jovens “violentos”. Sobre esta caracterização dos jovens pela professora CARRANO (2007, p.55) afirma: “Alguns professores (e também alunos mais idosos) parecem convencidos de que os jovens alunos da EJA vieram para perturbar e desestabilizar a ordem “supletiva” escolar [...]”. Mas, eu e minha dupla resolvemos de maneira conjunta que tínhamos o dever

de fazer o melhor por eles e por toda a turma enquanto estivéssemos na escola e assim planejamos nossas aulas pensando na realidade dos alunos.

Dessa forma, pretendo com esse trabalho abordar questões inerentes à presença cada vez mais frequente de jovens com faixa etária baixa, nas turmas da modalidade de ensino da EJA, abordando esse fenômeno que recebeu o nome de “Juvenilização”, usando como base a minha vivência e experiência durante o período do meu estágio.

É notório que existe uma multiplicidade de juventudes e que cada jovem carrega consigo histórias e marcas de suas raízes e do meio no qual está inserido. Por esse motivo é importante levarmos em consideração quais as motivações desses jovens advindos de uma classe social com baixo poder aquisitivo, bem como de famílias com baixo “capital cultural”, são situações e realidades de vida distintas de pessoas que vivem em contextos sociais diferentes umas das outras. Por esse motivo, ao falarmos desses jovens, precisamos usar o termo no plural, por se tratar de juventudes com as mais diversas características, como afirma Ana Paula Corti, (2004)

Nesse sentido, vale a pena distinguir a juventude, enquanto fase da vida que possui algumas singularidades, dos sujeitos que vivem esta fase. O campo das experiências dos jovens brasileiros é extremamente diverso e múltiplo, o que implica diversas maneiras de viver a juventude. (CORTI, 2004, p. 14).

Para iniciar nosso trabalho de regência na escola Ulisses de Góis tivemos que nos aprofundar em conteúdos, temas, diálogos que vivenciamos na nossa vida acadêmica, uma vez que eles que nos forneceriam base para, a partir do que observamos conseguirmos criar o que realizaríamos no nosso período de regência.

Assim, conversamos entre nós e com a professora titular da turma, vimos que atuar com base nas ideias de Paulo Freire seria o ideal, pois percebemos que discutir nossa postura enquanto professoras no período de regência tinha que ser algo positivo na vida dos alunos. Por isso a escolha das ideias de FREIRE (1996), pois ele diz que:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma

definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto ou aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. (FREIRE, 1996, p.115)

Sendo assim, ver a realidade usando como base o que estudamos era nossa meta e desafio também, uma vez que colocar a teoria em prática ainda era algo novo para nós. E de acordo com eles pensamos a postura que deveríamos ter o tema, as discussões que traríamos para sala, as atividades, a avaliação, etc. Pois, tínhamos um objetivo a ser alcançando e foi partindo desse princípio que demos continuidade a tudo que havíamos planejado.

Portanto, pretendo com este trabalho relatar fragmentos da minha prática como estagiaria em uma turma da modalidade EJA focando mais especificamente na atenção que tivemos com os jovens e tentando compreender o fenômeno da juvenilização. Tendo em vista que no decorrer do estágio me identifiquei com os alunos jovens, seus saberes e suas vivências, não me importando com o contexto no qual eles estavam inseridos, mas buscando através da minha prática diária envolvê-los nas atividades planejadas, buscando sempre estabelecer uma relação mútua de respeito e atenção ao que os alunos já sabiam e ao que eles pretendiam aprender.

Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto me é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe de anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há lugar para puritanismo. Só há lugar para pureza. (FREIRE, 1996, p.37)

Na sequência irei abordar questões inerentes às atividades realizadas no decorrer do estágio obrigatório, sempre fazendo relação com as vivências e experiências com os alunos jovens matriculados na turma e de como conseguimos envolvê-los nas atividades propostas. O leitor também terá a

oportunidade de observar o planejamento, metodologia de ensino usada pela professora titular e por nós estagiárias, perfil dos jovens da EJA, material utilizado, objetivos pretendidos e quais foram os objetivos alcançados pelos educandos.



## **1- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: DA TEORIA À PRÁTICA**

Durante o período de graduação diariamente somos levados a pensar sobre a realidade da educação no nosso país e qual o nosso papel enquanto pedagoga, educadora e professora. Afinal, a sala de aula será o principal ponto de atuação para aqueles que almejam ensinar e se dedicar à prática docente.

No meu caso, como já foi dito desde o segundo período do curso passei a estagiar em uma turma de educação infantil, numa escola particular na cidade de Natal/RN. Na ocasião auxiliava a professora titular nas atividades pedagógicas e nos cuidados com as crianças da sala. Também participei dos planejamentos e elaboração dos projetos, nestas ocasiões pude aprender e aprimorar a minha prática docente.

Quando estava cursando o sexto período da graduação, cursei a disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, no início do semestre tivemos três aulas com a professora da graduação, antes de irmos para as escolas nas quais iríamos estagiar.

De acordo com as normas da graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, os estágios obrigatórios só podiam ser realizados em escolas da rede pública de ensino e poderia ser feito individual ou em dupla. Como já possuía certa experiência na educação infantil e tinha curiosidade de saber como funcionavam as turmas de Educação de Jovens e Adultos, resolvi juntamente com a minha dupla que faríamos o nosso estágio nas turmas da modalidade EJA.

Dessa forma, escolhemos a Escola Municipal Profº Ulisses de Góis devido sua localização ser de fácil acesso, seu entorno ser bastante movimentado, com parada de ônibus nas proximidades da escola e também porque no período da noite a escola tinha turmas da EJA.

Porém, é importante ressaltar que na Universidade quando cursei a disciplina de Educação de Jovens e Adultos senti que nas discussões e textos trabalhados em sala de aula poderíamos ter nos aprofundando melhor nos estudos sobre os Jovens, focando para essa questão da Juvenilização. Durante o processo de formação, senti falta dessa discussão. E reforço que na estrutura curricular de Pedagogia poderia ter mais disciplinas voltadas para

Educação de Jovens e Adultos, afinal, nós pedagogos em formação precisamos estar preparados para atender as diversas modalidades de ensino e é no âmbito da Universidade que aprendemos teorias que podem subsidiar nossas práticas, conforme citou Cury (2000):

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (CURY, 2000, p. 50).

E inicialmente, fizemos uma visita para conhecermos o local que pretendíamos estagiar e, por conseguinte sabermos se a escola aceitaria nos receber como estagiarias. Ao chegarmos à instituição, fomos recebidas pela coordenadora que se mostrou atenciosa, se colocando à nossa disposição para nos ajudar no que fosse necessário.

Após uma breve conversa com a coordenadora, na qual explicamos os motivos da nossa ida até a escola, nós fomos encaminhadas para a sala da professora que darei o nome de Meireles. Ela nos recebeu muito bem e sempre se mostrou disponível para esclarecer nossas dúvidas e sugerir atividades, visto que ela conhecia o perfil de cada educando. No que se refere à formação, Meireles formou-se pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e possui em seu currículo alguns cursos de aperfeiçoamento e formação continuada em Educação Infantil, pois no contraturno ela trabalha em uma escola particular.

Antes de assumirmos a turma, passamos por um período de observação que durou três aulas consecutivas. Durante esse período íamos para a escola observar a dinâmica das aulas, a rotina dos educandos, postura da professora, conteúdos estudados e como poderíamos planejar nossas aulas de forma que envolvesse todos os educandos. Na ocasião era perceptível o envolvimento e responsabilidade da professora titular com a escola e com seus alunos, pois, sempre chegou à escola no horário previsto para início das aulas e existiram

situações em que foi dar aulas mesmo estando com atestado médico de saúde. Essa atitude implantava em nós estagiarias o sentimento que ainda existe esperança para a educação do nosso país, precisamos de mais professores comprometidos e dispostos a fazer a diferença independente de lecionar no ensino público ou particular.

Porém, é importante ressaltar que existia em seu comportamento uma mudança de atitude diante dos dois grupos de sujeitos da sala, pois, com os jovens ela agia de um jeito e com os alunos idosos ela demonstrava mais envolvimento e empatia. Entendo que essa mudança de postura se dava devido ao fato de que, segundo ela, os educandos mais jovens faziam parte de um grupo que eram usuários de drogas e alguns que cometiam pequenos furtos no bairro. Prova desse “medo” e “descontentamento” é que quando chegamos à sala, no mesmo dia ela olhando para os educandos disse: “Meninas, a turma é muito boa. Porém procurem se distanciar daqueles meninos, eles são perigosos!” e “Não se importem com eles, vocês vão perceber que eles colocam os cadernos na sala e saem. Não precisam nem se preocupar em querer se aproximar deles.”

A partir desse momento pensamos que enquanto professoras, ainda que em processo de formação nós poderíamos fazer diferente e buscamos estratégias de “atrair” esses sujeitos para as aulas, visto que muitas vezes eles colocavam os cadernos na sala e saíam para conversar no pátio ou na porta da escola, por esse motivo penso que é necessário que haja sempre um sentimento de comprometimento, responsabilidade e respeito por parte de todos os professores que optam por exercer este precioso ofício. Segundo Perrenoud :

As posturas necessárias ao ofício, tais como a convicção na educabilidade, o respeito ao outro, o conhecimento das próprias representações, o domínio das emoções, a abertura à colaboração, o engajamento profissional. (PERRENOUD, 2001, p.12)

A partir do momento que assumimos o papel de professoras da turma, ainda que no papel de estagiarias, sempre chegávamos à escola com atividades que despertavam o interesse e motivação por parte dos educandos.

Ao término do período de observação, retornamos à Universidade para expor para nossa professora da graduação como pretendíamos dar continuidade ao estágio e pedimos sugestões de como trabalharmos com os jovens da turma, pois, foi necessário que fizéssemos uma reformulação no planejamento previsto anteriormente, afinal nos deparamos com um público que exigia e ansiava por algo novo. Era nítido o envolvimento dos alunos quando falávamos em questões cotidianas, como por exemplo, ao estudarmos sobre a família e de sua atual conjuntura, discutimos sobre como eram as famílias de antigamente e como são as famílias da atualidade, neste momento percebemos os alunos envolvidos e alguns citaram exemplos, partindo da realidade e do contexto no qual eles estavam inseridos.

Esse período de observação foi de suma importância, pois contribuiu de maneira positiva para nossa prática pedagógica. Tendo em vista que, cada atividade e conteúdo explorado em sala foi pensado nos educandos daquela turma e nível de ensino, visto que enquanto ensinávamos, buscávamos fazer uma ponte entre prática e teoria. E com isso, víamos os educandos envolvidos e participando das aulas de maneira satisfatória, atitude que nos motivava a dar sempre o nosso melhor em sala de aula.

É preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugu. (FREIRE, 2006, p. 45)

Ao término do estágio, voltamos para a Universidade para apresentar aos nossos colegas e professora como tínhamos desenvolvido o trabalho na escola, visto que fazia parte da avaliação. Na ocasião apresentamos ao grupo um vídeo que gravamos na escola, no qual os alunos falavam das aulas e do que mais tinham gostado de aprender. Foi um momento riquíssimo de conhecimento e de troca de saberes, tendo em vista que cada dupla apresentou seu trabalho e falou do seu desempenho durante a realização do estágio.

## CONCEITO DE JUVENTUDES E PRÁTICA DOCENTE

Inicialmente ao falar ouvir falar da EJA – Educação de Jovens e Adultos, logo imaginava uma sala com um público de alunos composto por pais de família, idosos e trabalhadores que não concluíram a educação básica na idade prevista pela legislação, o que de fato eram características dos sujeitos da modalidade de ensino EJA. Porém, ao chegar à escola na qual iria estagiar fui direcionada para uma turma em que prevalecia de maneira alarmante o número de jovens pude notar na prática o que havia aprendido como aluna de pedagogia, na disciplina de Educação de Jovens e Adultos que atualmente as turmas da modalidade EJA eram compostas por um público mais jovem e que enquanto educadora em formação precisava me adaptar a essa nova realidade, para esse novo fenômeno que surge damos o nome de “Juvenilização”.

É importante, portanto, que possamos compreender e saber distinguir a diferença entre juventude e adolescência, pois embora sejam palavras distintas, muitas vezes são usadas como sinônimo. Diante disso é importante sabermos que, de acordo com a Organização das Nações Unidas – ONU, é considerada jovem a pessoa com idade entre 15 e 24 anos, conforme afirmou Corti (2004):

A organização das Nações Unidas (ONU) define como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos (no Fórum Mundial da Juventude de 2001, houve uma solicitação para que se estendesse a definição aos 30 anos, a fim de que os países pudessem enfrentar mais adequadamente os desafios colocados às populações jovens).

A Organização Mundial de Saúde (OMS), instituição da ONU para saúde, entende que a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico, que vai dos 10 aos 19 anos de idade, abrangendo a pré-adolescência (10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (15 a 19 anos). Já a juventude é considerada uma categoria sociológica que implica a preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, compreendendo a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. As diferenças entre adolescência e juventude existem, portanto, não só em termos dos limites etários, mas em termos conceituais, denotando processos de naturezas distintas. (CORTI, 2004, p. 11).

Estagiei em uma turma que tinha em média 19 alunos matriculados, no entanto desse total apenas 12 assistiam aulas regularmente. A faixa etária dos alunos da turma variava entre 15 e 65 anos de idade. Desse total a grande maioria de alunos era de trabalhadores da construção civil, donas de casa e domésticas, diaristas e aposentados. Também tinham os alunos mais jovens que não tinham um emprego formal e em sua grande maioria faziam “bicos” para garantir o seu sustento diário. Em alguns momentos de conversas informais pude perceber que alguns desses jovens não trabalhavam e ocupavam seu tempo livre com conversas entre amigos ou simplesmente optavam por ficar em casa assistindo televisão.

Sendo assim, tentarei ao longo desse tópico explicar quais são as características mais significativas desses jovens brasileiros que por vários motivos não conseguiram concluir a educação básica na idade prevista por lei. E na minha vivência com os educandos pude perceber de perto as razões pelas quais muitos alunos estão tentando concluir os estudos no período da noite na modalidade da EJA, e conforme afirmou Carvalho (2009) percebi na prática que não se trata de apenas um fator, mas de muitos fatores que contribuem para que o fenômeno da juvenilização torne-se cada vez permanente:

Muitos fatores vêm contribuindo para que esse fenômeno de juvenilização venha a se tornar uma categoria permanente na EJA. As deficiências do sistema de ensino regular público, como a evasão, repetência, que ocasionam a defasagem entre a idade/série, a possibilidade de aceleração de estudos (como o fato de concluir em menor tempo o Ensino Fundamental e Médio) e a necessidade do emprego, contribuem para a migração dos jovens à EJA. O ingresso cada vez mais antecipado dos jovens no mercado de trabalho, a esperança de conseguir um emprego, principalmente das camadas de baixa renda, tem provocado uma grande demanda nos programas de EJA, inicialmente destinados a adultos, em virtude da minoria jovem. Para esse contingente de jovens, a busca pela elevação da escolaridade está articulada ao mercado de trabalho, cujas expectativas estão direcionadas às novas exigências do mundo moderno, à ascensão e à mobilidade social. Estes fatos têm provocado demandas de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos, com base em necessidades formativas desses alunos. (CARVALHO, 2009, p.7805)

Outro fator importante que precisamos levar em consideração é que os jovens que, por algum motivo não tenham conseguido concluir os estudos na idade prevista pela legislação, estão assegurados por lei a serem matriculados e darem continuidade aos estudos na modalidade da EJA, isso se eles tiverem a partir de quinze anos, idade média de alguns dos alunos da turma que estagiei, com isso estão amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96 que diz:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Por se tratar de jovens com idade mínima de 15 e 20 anos, por vezes insisti que eles podiam se esforçar para um dia entrar na Universidade, mas, eles tratavam o ensino superior como sendo algo distante do contexto e da realidade na qual eles estavam inseridos.

Na condição de educadora, em processo de formação pude observar a realidade na qual esses jovens estavam inseridos. Ao me aproximar deles conversei sobre quais eram seus interesses em cursar as aulas na modalidade da EJA, de maneira unânime todos responderam que queriam concluir os estudos para conseguir um emprego de carteira assinada, reafirmando o que Paulo Carrano, diz:

Os baixos níveis de renda e capacidade de consumo redundam na busca do trabalho como condição de sobrevivência e satisfação de necessidades materiais e simbólicas para a maioria dos jovens. (CARRANO, 2007, p.59)

E que também gostavam de frequentar a escola, pois era o único momento do dia que eles podiam encontrar os amigos e conversar. Um trecho do texto de Paulo Freire “Escola é”, mostra que a escola é lugar de fazer amigos e ser feliz.

Lugar onde se faz amigos, [...]gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.[...] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz. (FREIRE, s/d)

Observe que estou falando de jovens oriundos das classes populares, de escolas da rede de ensino público, de famílias com um capital cultural baixo e que diariamente enfrentam inúmeros desafios para se manter presentes na escola, conforme declarou MEDEIROS (2005)

Infelizmente, ainda vivemos um momento de ampliação das desigualdades sociais e do processo de exclusão social no país, que atinge cada vez mais os setores menos privilegiados da sociedade, implicando em dificuldades por esses setores em relação ao acesso ao processo de escolarização e à permanência com sucesso no mesmo. São milhões de jovens e adultos, que apesar de todos os esforços que vêm se efetivando nas várias esferas, sejam governamentais ou não, continuam à margem da escola ou, dentro dela, sem aprender, ou, ainda, aprendendo, mas não sabendo o que fazer com o que aprenderam em seu processo de escolarização, por terem sido obrigados a estudar conteúdos sem significação para suas vidas. (MEDEIROS. 2005, p. 11)

Diante do que já foi exposto, a partir deste ponto irei relatar fragmentos das características de alguns jovens da turma, tendo em vista que durante o período da observação e da regência pude conhecer melhor sobre a vida desses jovens educandos que me ensinaram que independente do que tenham vivido durante a trajetória dentro e fora da escola, ainda acreditam e depositam sua confiança na educação e reconhecem que só através dela irão conseguir realizar seus sonhos.

Durante o período de observação conheci a aluna que darei o nome fictício de Tarsila, jovem moradora do bairro, solteira, 21 anos, que trabalhava o dia inteiro em uma lavanderia no bairro de Ponta Negra, por diversas vezes costumou chegar à escola atrasada e ainda trajando a farda do seu trabalho. Ao questionarmos sobre seus sonhos Tarsila afirmava que só queria aprender a ler e fazer cálculos com mais segurança, e terminar seus estudos para enfim conseguir um emprego melhor, pois se sentia muito cansada da sua rotina diária na lavanderia que trabalhava. No entanto achava que por ter dificuldades



com a leitura, escrita e cálculos matemáticos básicos precisava avançar de nível de ensino para concluir os estudos.

São poucas as exceções dos alunos que não trabalham, tendo em vista que a grande maioria dos jovens faz parte da classe trabalhadora, ou seja, eles dependem do seu trabalho para sobreviver e é do seu trabalho que tiram o sustento de suas famílias, como é o caso do jovem que darei o nome de Ariano, morador do bairro desde o seu nascimento, de 19 anos, que vive com sua esposa em uma casa alugada, ex-usuário de drogas, cristão-evangélico, surfista nas horas vagas e que trabalha como ajudante de pedreiro. A história familiar de Ariano é conhecida no bairro de Nova Descoberta, pois seu pai foi usuário de drogas e sua mãe vive nas ruas do bairro sob o efeito do álcool. Ariano trás no rosto as marcas do sol, do uso das drogas e é o tipo de pessoa que aparenta ser mais velho do que a idade, mas ele tinha 19 anos. Ele conta que resolveu largar as drogas porque viu o seu irmão morrendo nas mãos do tráfico, ele disse que não queria ter o mesmo caminho e então foi para uma igreja evangélica e pediu ajuda em um centro de recuperação para dependentes químicos, na ocasião do estágio havia 11 meses que ele estava “limpo” termo usado pelo próprio Ariano para explicar que havia sido liberto do uso das drogas que por anos assolou sua família.

Ele é um jovem muito engraçado que adora brincar com a professora e com seus colegas da sala, ao se deparar com cálculos matemáticos o aluno coçava a cabeça demonstrando certa irritação e finalizava dizendo “Professora, essas contas são muito difícil, eu não sei responder isso!” Nesses momentos tentávamos ajudá-lo, mostrando a ele como chegar à resposta para os cálculos. Enquanto estávamos na escola Ariano sofreu um acidente de moto, mesmo estando com a perna machucada e fazendo uso de uma muleta ele não faltava as aulas, sempre afirmando que gostava muito de ir a escola quando nós estávamos lá. Ao ser questionado sobre quais eram seus sonhos e objetivos de vida, ele com os olhos marejados sempre afirmava que só queria terminar os estudos e que não queria mais voltar a ser usuário de drogas, pois percebia que aos poucos havia ganhado o prestígio e a confiança dos moradores do bairro. Muito deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho (BRUNEL,2004, p 9).

Outra história que me chamou bastante atenção foi a do jovem que darei o nome de Moraes, ele tem dezesseis anos e também é morador do bairro de Nova Descoberta. Ao me direcionar a ele durante as aulas sempre notava certa timidez, estranheza e uma certa tristeza em seu olhar. Outro fator que chamava a minha atenção era que ele sempre chegava à aula com o rosto bastante vermelho, como se estivesse queimado do sol, passado alguns dias descobri que as marcas no seu rosto eram devido a seu trabalho, visto que ele trabalhava como flanelinha o dia inteiro e a noite estudava.

Ao estudarmos sobre a família, levamos para a sala o desenho de uma árvore genealógica e os alunos deviam escrever sobre suas famílias. Aproximei-me de Moraes e comecei a conversar com ele sobre sua família. Foi então que ele relatou que fazia anos que não falava com a sua mãe, pois haviam brigado e ele saiu de casa passando a morar com sua avó. Ao perguntar pelo seu pai ele disse que não o conhecia e nesse mesmo instante olhando nos meus olhos, ele disse: “Eu não quero falar sobre minha família!” Respeitei seu posicionamento e comecei a refletir sobre quão duro deve ser para esse jovem ter que enfrentar tantos problemas e ainda ser julgado pela sociedade. São histórias de vida com as dos jovens alunos Tarsila, Ariano e Moraes que me fazem refletir sobre as inúmeras dificuldades que esses jovens enfrentam diariamente para manterem-se matriculados na escola e sempre acreditando que podem melhorar suas vidas através dos estudos, são jovens que driblam os preconceitos e encaram a vida de cabeça erguida, é por esse motivo que concordo plenamente com Dias et al. (2011, p.69) “...permanecer na escola, tem sido, para esses sujeitos, uma tarefa muito árdua”.

É de suma importância entendermos que embora a juventude pode ser considerada como sendo uma categoria social que agrupa indivíduos que compartilham da mesma idade, ainda assim eles vivem experiências de vida distintas.

A classe social do indivíduo, sua condição étnica e de gênero, sua presença ou não no mercado de trabalho e na escola, seu local de moradia – urbano ou rural – sua situação familiar e sua orientação religiosa são fatores, entre outros, que vão diferenciando internamente este grupo que chamamos de juventude. E à medida em que nos aproximamos ainda mais da realidade social, vamos percebendo que estas clivagens tendem a aumentar, inclusive no interior dos grupos étnicos, das classes sociais e assim por diante. Afinal, dois jovens, por

exemplo, que possuam diferentes condições econômicas terão provavelmente experiências juvenis muito diferentes. (CORTI, 2004, p. 14).

É necessário, portanto, que haja uma compreensão acerca o sentido real de juventudes, tendo em vista que não estamos tratando de um jovem que é único, na verdade são jovens que estão envolvidos em um universo social que os fazem diferentes uns dos outros, tendo em vista que seus interesses, estilos, ocupações de vida, necessidades, hábitos, costumes e contexto familiar enfatizam e reafirmam o pensamento de Bourdieu, quando ele diz que “seria um abuso de linguagem subsumir , no mesmo conceito, universos sociais que praticamente nada têm em comum” (2003, p.153).

Trazendo para realidade dos jovens que convivi no estágio, é impossível, por exemplo, compararmos ou igualarmos as histórias de vida dos jovens Tarsila e Ariano, ambos moram no mesmo bairro, mas cada um traz consigo motivos de sobra que explicam os motivos pelos quais não conseguiram concluir os estudos no ensino regular. Eles compartilham da mesma fase de vida, no entanto trazem consigo uma multiplicidade imensa de experiências que demarcam sua trajetória de vida escolar, fazendo com que eles não tenham conseguido concluir os estudos na idade legalmente prevista.

Diante desse perfil da EJA, com a inserção de jovens muito jovens em suas turmas, é notória necessidade de reorganização no currículo escolar e também de algumas mudanças na postura dos educadores, tendo em vista que muitos destes professores ainda agem sob a ótica de uma educação tradicional, dificultando assim o processo de ensino-aprendizagem e envolvimento desses jovens.

O aumento do número de matrículas de jovens que incorporou segmentos mais populares da sociedade brasileira tem gerado uma mudança no público que a escola atende. É inegável que, cada vez mais, nossas escolas estejam ganhando um novo perfil, cheio de nuances e heterogeneidade: negros, brancos, diferentes grupos econômicos, com repertórios culturais diferenciados, moças e rapazes. Tal realidade demanda uma flexibilização e uma mudança às quais o atual sistema educacional não tem respondido a contento. (CORTI, 2004, p. 101)

Diante disso comecei a pensar e planejar atividades que despertassem nesses alunos o desejo de participar das aulas, na ocasião minha dupla de estágio também se interessou pela ideia e passamos a observar esses jovens e aos poucos fomos se aproximando deles ganhando assim a confiança, respeito e admiração.

Todas as vezes que chegávamos à escola e encontrávamos com esse grupo de jovens que até então tinham sido caracterizados pela professora como sendo “perigosos”, falávamos normalmente e sempre convidávamos para que eles entrassem na sala para assistir as aulas, com isso percebemos que ao passar dos dias aqueles rapazes começaram a se envolver nas atividades propostas e também entenderam que eram importantes na dinâmica das aulas e que fazíamos questão da presença deles em sala.

Passado o período de observação, precisamos então elaborar um projeto de ensino para ser desenvolvido naquela turma. Dessa forma, pensamos em trazer algo que tínhamos percebido durante a observação, que fosse importante para eles, assim nada melhor do que práticas cotidianas que fizessem com que eles exercitassem e aprendessem o que tinham dúvida no dia-a-dia. Um exemplo disso: dinheiro, cálculos, interpretação, ortografia, entre outros. Lembrando que sempre buscamos manter com nossos alunos uma relação de diálogo, afinal para FREIRE (1980), o diálogo é uma necessidade existencial.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.82-83)

Então fomos conversando com os educandos e percebendo se estavam gostando e tentando conhecê-los. Enfim, fazer com que nossos momentos em sala, fossem os mais proveitosos e prazerosos possíveis. Afinal, não queríamos que nossas aulas fossem cansativas, pelo contrário queríamos que os alunos opinassem, discutissem, indagassem e participassem com seus questionamentos e diálogos.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996. p.33)

Ao se depararem com o público matriculado nas turmas da noite, que em sua grande maioria são de adultos e idosos, esses jovens precisam ter forças para encarar o preconceito e discriminação presente no olhar da sociedade, tendo em vista que para muitos eles não passam de repetentes, evadidos e são o verdadeiro retrato do “fracasso escolar”, segundo ANDRADE:

De um modo geral, os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao chamado “fracasso escolar”. Arroyo (2001) ainda chama a atenção para o discurso escolar que os trata, a priori, como os repetentes, evadidos, defasados, aceleráveis, deixando de fora dimensões da condição humana desses sujeitos, básicas para o processo educacional. Ou seja, concepções e propostas de EJA comprometidas com a formação humana passam, necessariamente, por entender quem são esses sujeitos e que processos pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades e desejos. (ANDRADE, 2004, p. 1).

Era notória a mudança de humor da professora frente ao público de alunos mais jovens, ao invés de encarar a realidade como possibilidade de aprendizado, pude perceber que muitas vezes para Meireles, aquele grupo de alunos representava um “peso” e ela não conseguia lidar com aquela situação. É crescente e contínuo o número de jovens que se matriculam nas turmas da EJA, segundo o censo Escolar de 2014, existem no Brasil 3,5 milhões de pessoas matriculadas nessa modalidade de ensino. E 1 milhão desses estudantes tem idade média entre 15 e 19 anos, representando assim 30% desse público mais jovem. Diante disso torna-se necessário os professores buscarem se aperfeiçoar, contemplando assim particularidades existentes nos alunos da EJA, implantando nesses sujeitos o sentimento de pertencimento no grupo e na escola em que estudam como afirma Andrade (2004), é importante considerarmos que:

Construir uma EJA que produza seus processos pedagógicos, considerando quem são esses sujeitos, implica pensar sobre as possibilidades de transformar a escola que os atende em uma instituição aberta, que valorize seus interesses, conhecimentos e expectativas; que favoreça a sua participação; que respeite seus direitos em práticas e não somente em enunciados de programas e conteúdos; que se proponha a motivar, mobilizar e desenvolver conhecimentos que partam da vida desses sujeitos; que demonstre interesse por eles como cidadãos e não somente como objetos de aprendizagem. A escola, sem dúvida, terá mais sucesso como instituição flexível, com novos modelos de avaliação e sistemas de convivência, que considerem a diversidade da condição do aluno de EJA, atendendo às dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida, desenvolvendo o sentido de pertencimento. (ANDRADE, 2004, p. 1)

Com base nisso, buscamos valorizar os conhecimentos prévios dos alunos, dessa forma, através de diálogos informais conhecemos as trajetórias de vida desses jovens, contexto familiar, quais suas motivações para retornarem a escola e sonhos futuros.

## **2- PLANEJAMENTO E AÇÕES PARA ENVOLVER OS ALUNOS:**

Com base no que foi exposto até aqui, penso que o professor da EJA precisa rever seu planejamento em alguns aspectos, principalmente no que se refere ao diálogo, pois, segundo Freire (2005, p.), “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu - tu.” Tendo em vista que conforme foi explicitado, atualmente o público da EJA é formado por alunos cada vez mais jovens e por esse motivo os educadores dessa modalidade precisam estar aptos a preparar esses sujeitos para pensar, refletir, dialogar e questionar.

Ao planejarmos nossas aulas, pensamos em atividades que envolvessem os educandos e que em todo o tempo conseguissem assimilar o que estava sendo visto em sala de aula, com a prática cotidiana. Recebemos algumas orientações da professora titular sobre os conteúdos que podiam ser explorados em sala, dessa forma ressaltamos que as atividades propostas foram pensadas para aquele grupo específico de alunos. Em seguida, listarei os conteúdos que foram trabalhados no decorrer do período do estágio:

- 1º encontro: Língua Portuguesa - Interpretação de texto;
- 2º encontro: Matemática - atividade usando contas de água, luz e etc;
- 3º encontro: História: Árvore Genealógica;
- 4º encontro: Matemática- (Supermercado);
- 5º encontro: Língua Portuguesa – Interpretação de texto e ditado de palavras;
- 6º encontro: Bingo de Palavras;
- 7º encontro: Auto Avaliação e Gravação de Vídeos.

Com nossa presença e nossos estímulos aqueles sujeitos que outrora não haviam encontrado motivos para permanecer na sala estavam participando dando sugestões de atividades, como por exemplo, nas aulas de matemáticas ao perceberem que os cálculos matemáticos estavam fáceis de serem resolvidos eles pediam que levássemos cálculos mais complexos, também contribuíram interpretando os textos lidos em sala e participando juntamente com os colegas da turma das discussões acerca das histórias lidas e ao término das aulas quando chamávamos alguns deles até o quadro para responder coletivamente as questões, eles iam e respondiam com bastante entusiasmo e esse “poder” de participação fazia com que eles ficassem cada vez mais envolvidos. Segundo Perrenoud (2000), o fato de participar oferece um significado maior para o educando:

No entanto, todos sabem que o sentido de uma atividade, para qualquer um, depende muito de seu caráter escolhido ou não; quando a própria atividade é imposta, seu sentido depende ainda da possibilidade de escolher o método, os recursos, as etapas de realização, o local de trabalho, os prazos e os parceiros. A atividade que não tem nenhum componente escolhido pelo aluno tem muito poucas chances de envolvê-lo. (PERRENOUD, 2000, p. 74)

Os alunos precisam encontrar sentido naquilo que estão aprendendo, no caso dos jovens da turma que estagiamos, eles passaram a se envolver nas aulas a partir do momento que perceberam que eram importantes no contexto daquela turma e que ao falarem iriam ser ouvidos, eles também começaram a relacionar o que aprendiam em sala com situações do seu cotidiano, e em

quais momentos poderiam usar o que estavam aprendendo, por exemplo, ao estudarmos matemática a partir de contas de água, luz e telefone.

Tendo em vista que um bom planejamento deve estar sempre aberto a mudanças de acordo com as necessidades do alunado, sempre incluimos as ideias que os alunos iam dando com o intuito de melhorar o andamento das aulas. Assim como o planejamento, nós enquanto mediadoras do conhecimento estávamos flexíveis a mudanças, conforme aconselha Zabala (1998):

Tem que ser um planejamento suficientemente flexível para poder se adaptar às diferentes situações da aula, como também deve levar em conta as contribuições dos alunos desde o princípio. É importante que possam participar na tomada de decisões sobre o caráter das unidades didáticas e a forma de organizar as tarefas e seu desenvolvimento, a fim de que não apenas aumentem o nível de envolvimento no ritmo da classe em geral, como em seus próprios processos de aprendizagem, entendendo o porquê das tarefas propostas e responsabilizando-se pelo processo autônomo de construção do conhecimento. (ZABALA, 1998, p.94).

Ao se depararem com os textos que levávamos eles precisavam se concentrar para interpretá-los e além de interpretar eles relacionavam as situações vividas nas histórias com momentos que eles já tinham vivenciado dentro e fora da escola. Por esses motivos é importante que os alunos percebam em que situações poderão usar os conteúdos que estão sendo ensinados em sala de aula.

(...) a significância da aprendizagem não é uma questão de tudo ou nada e sim de grau; em consequência, em vez de propormo-nos que os alunos realizem aprendizagens significativas, talvez fosse mais adequado tentar que as aprendizagens que executam sejam, a cada momento da escolaridade, o mais significativa possível. (Coll.1995, p. 149)

Nós buscávamos a cada aula ministrada ouvir a opinião dos alunos, sempre questionando se eles haviam gostado das aulas e o que tinham aprendido ou pretendiam aprender. Sempre nos mostramos solícitas em ouvir opiniões, afinal, eles eram a peça principal para o desenvolvimento do nosso trabalho.



É importante ressaltar que ao término do estágio ao pensar sobre as práticas utilizadas nas atividades com os jovens, pude refletir em como poderia ter utilizado filmes, músicas, vídeos e outros tantos recursos que se aproximassem ao máximo do contexto no qual aqueles jovens estavam inseridos.

Com essa mudança no planejamento e na minha postura enquanto educadora estaria possibilitando aos educandos uma maior aproximação dos conteúdos explorados com suas práticas cotidianas, aumentando assim sua participação nas aulas ministradas e possibilitando aprendizagens mais significativas. Tendo em vista que os alunos da EJA querem ver resultados imediatos do que estão aprendendo em sala de aula, conforme citou Gadotti (2000)

O aluno adulto, cuja história de vida apenas começa, quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo, ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar auto-estima, pois sua "ignorância" lhe traz tensão, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. (GADOTTI, 2000, p. 39)

No próximo ponto, irei explicar a importância da escolha do material didático utilizado por nós, durante o estágio. Visto que ao planejarmos das nossas aulas percebemos que o livro didático disponibilizado aos alunos não condizia com o que havíamos planejado.

## **2.1 - RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS**

Ao chegarmos à turma em que estagiamos, nós percebemos que a professora planejava as suas aulas com base no uso contínuo e diário do livro didático e este por sua vez trazia atividades de matemática simples, literatura e gramática básica que são importantes na formação dos educandos, porém muitas vezes pela forma como são abordadas se tornam repetitivas e acabam desmotivando os alunos.

[...] O livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. [...] (SILVA, 2012, p. 806).

Por esse motivo, ao elaborarmos nosso projeto e plano de aula, optamos em usar atividades que nós mesmas produzíamos com base nos interesses dos educandos. Percebemos os alunos envolvidos nas nossas aulas, tendo em vista que nós não usávamos o livro didático disponibilizado pela professora titular, algumas vezes nas aulas de matemática entregamos atividades de cálculos para serem respondidos pelos alunos e ao término da aula chamávamos alguns deles para ir até o quadro resolver os cálculos, como uma espécie de correção.

Concordamos que pensar no tempo que tínhamos e nossos, conteúdos e objetivos foi um desafio, por ser algo novo, mas entendemos que isso faz parte da vivência do professor. Por esse motivo, levamos para sala atividades que cumpriam o horário previamente programado e que fossem interessantes e atrativas para os alunos.

Diante de tantas possibilidades de escolhas que nos auxiliassem na execução das atividades, optamos em usar vários materiais caderno, lápis, folhas impressas e o quadro que foi utilizado várias vezes durante as aulas, todavia não escolhemos o livro didático, mesmo eles tendo acesso ao livro, nós também recebemos um para analisar no primeiro dia de aula e a professora titular nos deixou a vontade para usá-lo ou não.

Porém, percebemos que as propostas de atividades do livro didático se distanciavam da realidade dos alunos, com atividades repletas de textos complexos e de difícil compreensão e de cálculos. Acredito que os materiais didáticos disponibilizados para os sujeitos da EJA, devem estar relacionados com as especificidades desse público, com conteúdos que possibilitem aos educandos fazer relação entre teoria e prática. Dessa forma elaboramos nossa proposta de atividades, pensando na realidade dos alunos da turma que estávamos estagiando.

[...] ao pensarmos a produção e uso de materiais didáticos para alunos e professores de Educação de Jovens e Adultos - EJA,

é necessário indagar sobre as especificidades desse público escolar e quais os conceitos inerentes aos produtos culturais com os quais estão se relacionando. Os materiais didáticos de EJA têm sido variados e nem sempre se inserem na mesma lógica de produção dos demais materiais produzidos para escolas da rede pública e particular cujo público é infantil e juvenil. São materiais que tem sido produzidos por grupos diferenciados também, com forte participação de setores governamentais em relação ao seu financiamento e distribuição, de ONGs e sindicatos e muito pouco do setor das empresas de materiais. Considerando o público diferenciado, tanto pela idade e experiência quanto pelo currículo a que estão submetidos, tem proporcionado uma criação bastante instável e qualitativamente inferior no que se refere à sua materialidade. A forma escolar de EJA também é diversificada e esta condição de diferenciação dos “lugares” em que ocorrem as situações de ensino e aprendizagem acabam por se transformar em desafios para os educadores envolvidos na produção de materiais didáticos. Desafios esses que, por vezes, se tornam atrativos se houver investimentos na formação de docentes mais voltados para esse grupo de educandos. (BITTENCOURT, 2008, p.10)

Ao perceberem que nós fazíamos questão que eles falassem, se posicionassem e opinassem eles passaram a se envolver nas aulas, e começaram a participar dos nossos encontros do início ao fim e quando solicitados sempre deram sugestões de atividades, atitude que chamava a atenção da professora titular e dos alunos mais idosos, tendo em vista que até então eles estavam acostumados a ver aqueles jovens chegando à sala, deixando o caderno e saindo.

A seguir irei relatar o envolvimento e participação desses jovens alunos com os conteúdos e atividades. Visto que, incluímos em nosso planejamento suas opiniões sobre as aulas e o que eles tinham interesse em aprender, bem como, em quais situações eles poderiam fazer uso do que era ensinado em sala de aula.

## 2.2- ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM OS CONTEÚDOS E ATIVIDADES:

Ao notarmos a falta de compromisso dos alunos mais jovens com aulas e ao percebermos que eles não se interessavam em participar das atividades, passamos a observar os motivos pelos quais aqueles jovens não se envolviam,

e percebemos que dentre tantos motivos, eles precisavam ser motivados a participarem dos nossos encontros semanais.

Dessa forma, antes de iniciarmos o período de regência, como forma de sabermos os conhecimentos prévios desses educandos nós fizemos um diálogo investigativo pontuando de maneira coletiva o que os jovens sabiam e o que eles pretendiam aprender, tendo em vista que estávamos estudando sobre práticas do nosso cotidiano e sabemos que os alunos da EJA trazem consigo sua cultura, seus conhecimentos e suas experiências, dessa forma sempre respeitamos seus saberes e seu potencial, acreditando que nessa construção de saberes alunos e professores aprendem.

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos. Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 1996, p. 28)

Observamos que é necessário que os educandos aprendam e encontrem motivações diárias para permanecer nas salas de aulas, tendo em vista que para alguns é uma tarefa árdua trabalhar o dia inteiro e mesmo cansado comparecer às aulas, como é o caso da jovem Tarsila que mencionamos o início do texto, era notório o seu cansaço, porém ela se esforçava para participar da rotina das aulas, pois acreditava que só com os estudos iria melhorar suas condições de vida.

Por essa razão eles precisavam de incentivos diários para ir à escola ou caso contrário continuariam indo as aulas apenas para cumprir carga horária ou para se prepararem para o mercado de trabalho a fim de ampliar suas possibilidades de ganhos econômicos, como é o caso dos alunos que citamos, era perceptível que todos eles tinham o desejo de concluir os estudos apenas para conseguir um emprego formal, para que através do emprego conseguissem ampliar sua renda, aumentando assim as possibilidades de consumo e de lazer.

Além disso, a inserção no mundo do trabalho, sobretudo para aqueles provenientes dos setores populares, está fortemente

vinculada à possibilidade da construção de uma auto-identificação positiva, de sujeito trabalhador, honesto e digno, em contraposição à imagem de vagabundo e do marginal. Também, no caso desse grupo, é por meio da obtenção de renda que se viabiliza a possibilidade de consumo e fruição de práticas de lazer. (CORTI, 2004, p.40)

Sendo assim, planejamos as atividades de forma que eles fossem incentivados a participar, afinal a presença e permanência deles era fundamental em nossas aulas.

Na prática o professor da modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos necessita diariamente se comprometer com o ensino independente de quem vão ser seus alunos, por esta razão ao se deparar com aqueles jovens nós buscamos estratégias que incluíssem aqueles alunos ao invés de excluí-los de vez das salas de aula. Afinal, não era fácil para aquele grupo de jovens alunos deixar de estudar nos turnos matutino e vespertino e migrar para as turmas da EJA. Afinal, trata-se de uma mudança de espaço, são grupos distintos, e dentro desse novo contexto esses jovens precisam aprender a conviver com esse público para o qual foram “arrastados” devido a inúmeros fatores, já citados anteriormente.

Ao perceberem que em nossas aulas eles podiam participar e relacionar o que aprendiam com a prática cotidiana do contexto no qual estavam inseridos, eles começaram a participar e se envolver no que estava sendo proposto, atitude que nos motivava cada vez mais, nos impulsionando a melhorar nosso desempenho.

As aulas foram pensadas a partir das necessidades dos alunos, entretanto sofreram mudanças no decorrer do tempo, pois acatávamos os interesses deles. Sendo assim, quando percebíamos que o conteúdo que eles desejavam se encaixava no nosso objetivo trazíamos na aula seguinte. Mas analisando em linhas gerais, atendemos aos conteúdos e objetivos pré-estabelecidos inicialmente, são eles:

- Criar condições para que os alunos tenham/vivam situações do cotidiano e possam vivenciá-las e superar suas dificuldades;
- Estabelecer relações dos conteúdos aprendidos em sala com sua prática diária;

- Reforçar a ideia da importância da escrita e da leitura em sua vida cotidiana;
- Mostrar que as noções matemáticas estão presentes em seu dia-a-dia.

Durante os nossos encontros buscamos estabelecer uma relação afetiva com os educandos, afinal acreditávamos que eles também tinham algo a nos ensinar, tendo em vista que todos nós temos conhecimentos e experiências. Por esse motivo nessa troca de saberes ensinávamos, mas também aprendíamos uns com os outros. Não tínhamos a intenção de tratar os jovens alunos como depósitos de conteúdos, pelo contrário, planejamos nossas aulas e atividades de forma que os educandos participassem, opinassem e aprendessem fazendo relação dos conteúdos trabalhados em sala de aula com a prática cotidiana.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicista compartimentada, mas nos homens como 'corpos conscientes' e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (...) Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir 'conhecimentos' e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação 'bancária', mas um ato cognoscente. (FREIRE, 2005, p. 77-78)

Passado o período de observação, iniciamos o estágio com uma aula de português em que levamos a fábula "A menina do leite", para interpretarmos em sala.

#### A menina era si alegria

Era a primeira vez que iria à cidade, vender o leite de sua querida vaquinha.

Colocou sua melhor roupa, um belo vestido azul, e partiu pela estrada com a lata de leite na cabeça.

Ao caminhar, o leite chacoalhava dentro da lata.

A menina também, não conseguia parar de pensar.

"Vou vender o leite e comprar ovos, uma dúzia."

"Depois, choco os ovos e ganho uma dúzia de pintinhos."

"Quando os pintinhos crescerem, terei bonitos galos e galinhas."

"Vendo os galos e crio as galinhas, que são ótimas para botar ovos."

"Choco os ovos e terei mais galos e galinhas."

"Vendo tudo e compro uma cabrita e algumas porcas."

"Se cada porca me der três leitõezinhos, vendo dois, fico com um e ..."

A menina estava tão distraída em seus pensamentos, que tropeçou numa pedra, perdeu o equilíbrio e levou um tombo. Lá se foi o leite branquinho pelo chão. E os ovos, os pintinhos, os galos, as galinhas, os cabritos, as porcas e os leitõezinhos pelos ares.

Moral da história:

Não se deve contar com uma coisa antes de consegui-la.

Fábula de Esopo

Entregamos uma cópia impressa da fábula, para que os educandos acompanhassem de maneira individual o que estava sendo lido. A partir da leitura da fábula refletimos com os educandos sobre a moral da história e como poderíamos relacionar o que foi lido com nossa vida cotidiana. Afinal, sabemos da importância da leitura na formação dos educandos e do quanto ela é fundamental na construção do pensamento.

A dimensão social da leitura passa, portanto, pela construção do usuário dos sistemas de informação. Isto é, é a leitura que vai capacitar os indivíduos a se pensarem, a se reconhecerem, a se historicizarem e poderem decidir sobre suas necessidades de informação e sentido. (AMARILHA, 2010, p.54)

Percebemos que os jovens participaram com entusiasmo da discussão, relatando situações vividas em casa, na escola e no trabalho. Neste momento foi nítido o envolvimento deles, demonstrando certo entusiasmo em falar e se posicionar sobre o conteúdo da aula, após a discussão sobre o texto lido, escrevemos no quadro algumas questões de interpretação textual, todas de fácil compreensão e baseadas no que foi discutido em sala.

Na ocasião os jovens falaram sobre seus sonhos, fazendo relação com o texto lido, demonstrando ter compreendido o objetivo da atividade proposta. Exploramos a leitura dos jovens, pois ao terminarmos a discussão da fábula, ditamos algumas palavras contidas no texto e os alunos precisavam circular. Nesta atividade também, pretendíamos explorar a leitura dos educandos.

Neste momento notamos que alguns jovens procuravam as palavras e ao acharem, começaram a ajudar os demais colegas. Ao término da aula agradecemos a participação e envolvimento da turma e incentivamos os alunos a continuarem participando das aulas, reafirmando a importância da presença deles em nossas aulas.

Em seguida, pedimos que os alunos levassem na aula seguinte contas de água, luz e telefone para trabalharmos cálculos matemáticos com situações do cotidiano deles. Afinal, de acordo com a LDB 9394/97, é importante e primordial que os conteúdos da EJA tenham relação com a prática cotidiana dos educandos.

Em relação aos jovens e adultos, no entanto, é primordial a partir dos conceitos decorrentes de suas vivências, suas interações sociais e sua experiência pessoal: como detém conhecimentos amplos e diversificados, podem esquecer a abordagem escolar, formulando questionamentos, confrontando possibilidades, propondo alternativas a serem consideradas. (BRASIL, 2002, p.15)

Em nossa segunda aula, exploramos a matemática com cálculos simples de adição e subtração, visto que durante o período de observação a professora titular pediu que não nos esquecêssemos de estudar matemática com os educandos.

Ao chegarmos explicamos a proposta da aula e pedimos as contas de água, luz e telefone que os alunos levaram e eles se envolveram nas atividades quantificando, somando, subtraindo e quando surgiam dúvidas na resolução dos cálculos os jovens nos chamavam pedindo auxílio e ajuda, sempre sorrindo e demonstrando preocupação em acertar os resultados. Era notório o envolvimento deles, principalmente por se tratar de uma atividade na qual os alunos podiam fazer conexão com o que estavam aprendendo em sala com situações do seu cotidiano.

As conexões que o jovem e o adulto estabelecem dos diferentes temas matemáticos entre si, com as demais áreas do conhecimento e com as situações do cotidiano é que vão conferir significado à atividade matemática. Trata-se de apresentar os conteúdos em uma ou mais situações em que façam sentido para os alunos, por meio de conexões com



questões do cotidiano dos alunos, com problemas ligados a outras áreas do conhecimento, ou ainda por conexões entre os próprios temas matemáticos (algébricos, geométricos, métricos, etc). (BRASIL, 2002, p16).

Ao final da aula chamamos alguns alunos para resolver os cálculos matemáticos no quadro de maneira coletiva. Para nossa surpresa, mesmo com certa timidez o jovem Ariano se dispôs em ir até o quadro resolver uma conta de adição e além de responder da maneira correta, finalizou sua participação ensinando para nós e para os outros alunos a “regra dos nove”, segundo ele essa era a forma de saber se sua resposta estava correta. Atitude que nos deixou feliz em ver o envolvimento e alegria dele em participar desse momento.

Em nossa terceira aula estudamos sobre a história das famílias dos alunos através da árvore genealógica, conversamos sobre a história das famílias dos educandos e pedimos que eles falassem sobre seus familiares. Foi uma aula emocionante, os alunos relataram situações vivenciadas com seus pais, avós, filhos, tios e primos.

Conversamos sobre a origem dos seus nomes e sobrenomes e eles recordaram de situações vividas na infância. Levamos uma árvore impressa e entregamos para cada um dos educandos, eles precisavam preencher as lacunas com os nomes de seus parentes maternos e paternos. Achamos pertinente abordarmos essa temática, a fim de conhecermos mais nossos alunos e sabermos sobre suas histórias de vida até chegarem às turmas da EJA.

Durante os relatos os jovens se emocionaram, um deles evitou falar sobre o assunto, pois segundo ele existia uma relação conturbada com sua mãe e que ao falar ele iria lembrar momentos que lhes deixava triste, neste momento respeitamos seus sentimentos. Esta atividade foi de suma importância, pois possibilitou que conhecêssemos melhor os nossos alunos e os motivos pelos quais eles precisaram abandonar os estudos anteriormente, vimos como é importante à presença da família na formação dos sujeitos.

Foi visível o interesse de toda a turma ao encontrar sentido naquilo que eles estavam aprendendo, pois a atividade possibilitou que eles conhecessem a história de sua família, entendemos que é papel da escola traçar estratégias de ensino que e criar situações favoráveis ao aprendizado.

Além da necessidade de dotar de significatividade as aprendizagens, o fato de partir de situações próximas também é o meio para criar as condições que facilitam o trabalho, pois fomenta a *atitude favorável* para com a aprendizagem ou, se deseja a motivação intrínseca. (ZABALA. 2002 , p. 217).

Para nossa quarta aula, levamos uma atividade de matemática onde os alunos deveriam calcular o preço dos utensílios domésticos que compramos no supermercado, inicialmente começamos lembrando alguns cálculos matemáticos, conversando e interagindo com eles a respeito dos preços abusivos das coisas, os alunos então foram participando dizendo que hoje em dia não conseguimos comprar quase nada com cem reais e que antigamente era possível fazer uma feira completa com esse mesmo valor, a conversa inicial foi bem participativa.

Depois desse primeiro momento, distribuímos as atividades onde os educandos deveriam separar materiais de limpeza dos alimentos, feito isso eles deveriam preencher abaixo o valor de cada item e somar para vê quanto daria o cálculo final da feira, neste momento os jovens, ficaram elogiando as aulas e dizendo que estavam aprendendo e achavam que não iriam conseguir responder as questões que disponibilizamos, pois tinham dificuldades, no entanto aos poucos estavam aprendendo. Buscamos fazer as mediações necessárias para facilitar a compreensão deles, diante dos novos desafios que surgiam, tendo em vista que esse é um dos papéis do professor mediador, conforme citou Lorenzo Tébar (2011):

O professor mediador é o protagonista e gerador das mudanças educativas. A formação dos professores torna-se imprescindível em decorrência dos desafios impostos por qualquer nova teoria, assim como pelos materiais, estratégias e metodologia. (TÉBAR, 2011, p.265)

Ao término da aula os alunos finalizaram as atividades e sempre buscavam ressaltar que nas próximas aulas trouxéssemos mais cálculos para que eles resolvessem, notamos que tal prática faz parte do cotidiano deles, alguns trabalham como serventes de pedreiro, outro é pintor, uma das alunas trabalha em uma lavanderia, outra vende lanche e todos convivem com

números, contagem de dinheiro e se em sala eles praticam a matemática isso torna o trabalho mais fácil.

Os jovens se envolveram nesta atividade do início ao fim, surgiram dificuldades, mas logo pediram nossa ajuda e auxílio. Na ocasião a professora titular e outros alunos mais idosos se aproximaram desses jovens e elogiaram a participação deles durante as aulas.

Todas as nossas atividades foram pensadas naquele grupo de jovens alunos, notamos um potencial neles e foi nisso que depositamos a nossa confiança e empenho. Podíamos continuar isolando eles, como a professora titular e os outros alunos faziam. Porém, optamos em fazer diferente, pois acreditávamos que se eles estavam matriculados nas turmas da EJA, é porque tinham um propósito em estar ali. Tendo em vista que ninguém sai de casa simplesmente para passear na escola. Percebemos que eles gostavam da escola e do ambiente escolar, mas estavam desmotivados devido ao fato de não se identificarem com os conteúdos ensinados e com a proposta didática, diante disso eles não conseguiam fazer relação entre prática e teoria, o que tornava o aprendizado mais difícil.

Toda situação didática proposta ou imposta uniformemente a um grupo de alunos é inadequada para uma parcela deles. Para alguns, pode ser dominada facilmente e, por isso, não constitui um desafio nem provoca aprendizagem. Outros, porém, não conseguem entender a tarefa e, por isso, não se envolvem nela. Mesmo quando a situação está em harmonia com o nível de desenvolvimento e as capacidades cognitivas dos alunos, pode parecer desprovida de sentido, de interesse, e não gera nenhuma atividade notável em nível intelectual e, por conseguinte, nenhuma construção de novos conhecimentos nem reforço das aquisições. (PERRENOUD. 2001, p 26)

É necessário que o professor reflita diariamente sobre sua prática pedagógica e que ao planejar suas aulas, pense nos seus alunos e em como pode influenciar estes jovens. E durante o tempo em que estivemos na escola, nos permitimos mudar quando notávamos que os alunos não estavam correspondendo à proposta das aulas, buscávamos melhorar nossa prática docente. O que nos motivava era ver o empenho dos alunos e perceber o

quanto nossa profissão é importante para o desenvolvimento da nossa sociedade.

Em nossa aula final gravamos um vídeo em que os educandos falavam da importância da nossa presença em sala de aula, como culminância fizemos uma pequena confraternização com os alunos e na ocasião assistimos o vídeo, muitos dos educandos se emocionaram.

Aproveitamos a ocasião para agradecermos pela oportunidade e confiança dos alunos e da equipe pedagógica em nos receber na escola. E enfatizamos que eles desse continuidade ao processo de ensino e que jamais desistissem dos seus sonhos e dos estudos.

#### **4- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho me possibilitou conhecer melhor os alunos matriculados nas turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos, principalmente os jovens que foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Pensar nos jovens desta modalidade de ensino foi importante para o meu processo de formação. Quando cursei a disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I, percebi na prática a importância do professor na vida dos alunos e decidi que queria contribuir no processo de formação daqueles sujeitos. Tendo em vista que existe certa dificuldade em inserir esse grupo de alunos na rotina e no contexto da sala de aula, como vimos no decorrer desse relatório, esses jovens vieram de experiências de insucesso e por inúmeros motivos não conseguiram concluir o ensino regular da idade prevista por lei.

No entanto, é importante ressaltar que ao darem continuidade à vida escolar eles precisam encarar o preconceito dos gestores, professores e demais alunos. Tendo em vista que eles são conhecidos por muitos, como sendo “alunos problema” que não conseguiram concluir os estudos na escola regular.

Durante o tempo em que estive na escola desenvolvendo as atividades, pude me aproximar da realidade dos jovens e com isso passei a refletir sobre suas histórias de vida e de como o contexto no qual estamos inseridos faz diferença em nossa formação, aprendi a não julgar e sim buscar transformar através da minha prática docente a vida escolar dos educandos, fazendo com que eles encontrem sentido nos conteúdos aprendidos em sala de aula.

Ao planejar as aulas entendi que estaria ensinando a alunos que trazem consigo uma história de vida e que suas histórias precisavam ser respeitadas e levadas em consideração durante o desenvolvimento das aulas.

Em cada conversa buscava ouvir os alunos e respeitar seus posicionamentos e opiniões, na relação professor-aluno existia uma relação dialógica que mediava nossas aulas e conversas informais. Criamos laços afetivos de respeito, atenção e carinho, com isso a permanência desses educandos era mantida.

Durante o período de estágio também pude ampliar e aprimorar minha prática docente, visto que não tinha experiência nenhuma com esse público de alunos. Contudo, sempre estive atenta às orientações das professoras que me acompanharam ao longo da atividade e durante o planejamento das aulas, buscava em diversas estratégias envolver os alunos, de forma que eles participassem e não sentissem vontade de sair da sala de aula

Finalizo esta atividade afirmando que a minha experiência nas turmas da modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos foi importantíssima para a construção da minha prática docente. Com certeza me tornei uma profissional melhor e durante as pesquisas para desenvolver este relatório pude perceber a importância de nós professores para estes educandos, e é necessário se reinventar e aprimorar nossa prática diária para oferecermos aos nossos alunos uma educação de qualidade, que gere frutos para nossa sociedade.

Com certeza, levarei comigo os momentos vividos durante o estágio e do quanto fomos fundamentais na vida daqueles jovens, afinal não excluímos eles em nenhum momento, pelo contrário, incluímos. E ao vê-los participando das aulas tive a certeza que escolhi a profissão certa para minha vida.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE, E. R. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: OLIVEIRA, I. B.de; PAIVA, J. (Org.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 43- 54.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 239 p

BRASIL, Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, LDB . Lei nº 9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF:MEC, 1996. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em: 10 nov 2016.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos** / Carmen Brunel. \_ Porto Alegre: Mediação, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Juventude é só uma palavra**. In: \_\_\_\_\_. Questões de Sociologia. Lisboa: Fim de Século Edições, Sociedade Unipessoal Ltda., 2003. p. 151-162.

BOGATSCHOV, D. N.; GODOY, G. A. V. de. **Conselho escolar: locus do exercício da cidadania e fortalecimento da democracia?** Maringá: Eduem, 2010.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de Inovar: a mudança na escola**/Jaume Carbonell; trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CARRANO, Paulo César. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”**. In: REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e adultos, v. 1, ago. 2007. Belo Horizonte.

CARVALHO, Roseli Vaz. **A Juventude na educação de jovens e adultos: uma categoria provisória ou permanente?** Trabalho apresentado no 9. Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e 3. Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009. P. 7803-7815.

CORTI. Ana Paula. **Diálogos com o mundo juvenil, subsídios para educadores** / Ana Paula Corti e Raquel Souza. – São Paulo: Ação Educativa,2004, 250p.

COLL, César. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 3v.

CURY, C. R. J. (Relator). **Parecer CEB nº 11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. CNE, 2000.

AMARILHA Marly (org.). **Educação e Leitura: redes de sentido**. Brasília: Liber Livro, 2010. 154p

FREIRE, Paulo. "Escola é..." Disponível em: <http://www.cuidademim.com.br/>  
Acesso em: 09 de Dezembro 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 49º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

Freire, Paulo, 1921-1997. **A educação na cidade** / Paulo Freire; Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel.- 6.ed.- São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**HISTÓRIAS CRUZADAS**. Produção de Lorena Mirella Almeida B. Maia. Natal/Rio Grande do Norte, 2014. 1 Vídeo.

GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: correntes e tendências. In: GADOTTI, Moacir, ROMAO, José E. (orgs.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2000.

MARQUES, Mário Osório. "**Projeto pedagógico: A marca da escola**". In: Revista Educação e Contexto. Projeto pedagógico e identidade da escola no 18. Ijuí, Unijuí, abr./jun. 1990.

MELUCCI Alberto. **A Invenção do Presente**. Movimentos Sociais na Sociedades Complexas.. Vozes. Petrópolis. 2004.

MEDEIROS, M.das N. **A educação de jovens e adultos como expressão da educação popular: a contribuição do pensamento de Paulo Freire**.V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22 set. 2005. Disponível em: [www.paulofreire.org.br](http://www.paulofreire.org.br) .Acesso em: 01 nov. 2016.



FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos.** / Olga Freitas. – Brasília : Universidade de Brasília, 2007. 132 p.

PERRENOUD, Philippe et all. (org.) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2a ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar** / Philippe Perrenoud .Porto Alegre: Artmed, 2000. 192p.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso** / Philippe Perrenoud;trad.Claúdia Schilling.-Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SILVA, M. A. **A fetichização do livro didático no Brasil, Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012. Disponível em: .Acesso em 05 nov. 2016.

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação** / Lorenzo Tébar: tradução de Priscila Pereira Mota. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001

WEISZ, Telma. **O dialogo entre o ensino e a aprendizagem.** São Paulo. Ática, 2002.

VEIGA, Ilma Passos A. (Coord). 5º ed. **Repensando a Didática.** Campinas. SP. Papyrus, 1991.

VEIGA, Ilma P.A. "**Escola, currículo e ensino**". In: I.P.A. Veiga e M. Helena Cardoso (org.) Escola fundamental: Currículo e ensino. Campinas, Papyrus,1991.

VEIGA, Ilma Passos A. (Org.) **Projeto Político Pedagógico – Uma Construção Possível. Campinas**, SP: Papyrus, 1997.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar.** Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo.** Porto Alegre: Artmed, 2002.